

A DESPOÉTICA DE BARRO(S): uma leitura crítica biográfica
fronteiriça

A DESPOÉTICA DE BARRO(S): a frontier biographical critical
reading

LA DESPOÉTICA DE BARRO(S): una lectura crítica biográfica
fronteriza

Lara Emanuelle Mendes Cavalcante¹

Edgar César Nolasco²

RESUMO: Este trabalho, que se erige a partir do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), objetiva estudar a obra do poeta (sul-)mato-grossense Manoel de Barros através de uma perspectiva descolonial traçada a partir de seu *biolócus* (*bios* = vida + *lócus* = lugar) (NOLASCO, 2019). Para tal será necessário valer-se da teorização *despoética* (NOLASCO, 2021) para conceber um pensamento *outro* que permita evidenciar como a *desobediência epistêmica* (MIGNOLO, 2008) proposta como um “aprender a desaprender para re-aprender” (MIGNOLO, 2008) aliada à prática do *desprendimento* (Mignolo, 2017), descrita como o caminho seguido por quem “habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar-se” (Mignolo, 2017, p. 19), resultam no conceito de *despoética*, o exercício de “despoetizar para re-poetizar” (NOLASCO, 2021). Assim, por meio da leitura de Barros e outros autores, como Edgar Nolasco (2021; 2022) e Walter Mignolo (2008; 2010; 2017), contando com o suporte teórico da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015), buscar-se-á, da mesma margem geográfica de emergência que o poeta, pensar uma forma *outra* de fazer poesia *a partir da* fronteira-sul.

PALAVRAS-CHAVE: Despoética; Manoel de Barros; Crítica Biográfica Fronteiriça.

ABSTRACT: This work, which originates from the Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), aims to study the work of the poet from Mato Grosso do Sul, Manoel de Barros, from a decolonial perspective drawn from our *biolócus* (*bios* = life + *lócus* = place) (NOLASCO, 2019). To this end, it will be necessary to use depoetic theorization (NOLASCO, 2021) to conceive *another* way of thinking that allows us to highlight how epistemic disobedience (Mignolo, 2008) proposed as “learning to unlearn in order to relearn” (Mignolo, 2008) combined with the practice of detachment (Mignolo, 2017), described as the path followed by those who “inhabit the border, feel on the border and think on the border in the process of detaching and re-subjectifying

¹ Lara Emanuelle Mendes Cavalcante é Acadêmica de Letras: Português-Inglês da Faculdade Federal de Mato Grosso do Sul. É membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFMS). E-mail: laramanu.cavalcante@gmail.com

² Edgar César Nolasco é professor da UFMS e Coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – CNPq/UFMS. E-mail: ecnolasco@uol.com.br

themselves" (Mignolo, 2017), result in the concept of *despoética*, the exercise of "depoeticizing in order to re-poeticize" (NOLASCO, 2021). Thus, through the reading of Barros and other authors, such as Edgar Nolasco and Walter Mignolo, with the theoretical support of borderline biographical criticism, we will seek, from the same geographical margin of emergence as the poet, to think of *another way* of understanding poetic creation from the southern border.

KEYWORDS: Despoética; Manoel de Barros; Frontier Biographical Criticism.

RESUMEN: Este trabajo, que se basa en el Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), tiene como objetivo estudiar la obra del poeta (sul-)mato-grossense Manoel de Barros desde una perspectiva descolonial trazada a partir de nuestro *biolocus* (*bios = vida + locus = lugar*) (NOLASCO, 2019). Para esto, será necesario recurrir a la teorización despoética (NOLASCO, 2021) para concebir un pensamiento otro que permita evidenciar cómo la desobediencia epistémica (Mignolo, 2008) propuesta como un "aprender a desaprender para volver a aprender" (Mignolo, 2008) unida a la práctica del desprendimiento (Mignolo, 2017), descrita como el camino seguido por quien "habita la frontera, siente en la frontera y piensa en la frontera en el proceso de desprenderse y resubjetivarse" (Mignolo, 2017), dan como resultado el concepto de despoética, el ejercicio de "despoetizar para re-poetizar" (NOLASCO, 2021). Así, a través de la lectura de Barros y otros autores, como Edgar Nolasco y Walter Mignolo, con el apoyo teórico de la crítica biográfica fronteriza, se buscará, desde la misma margen geográfica de emergencia que el poeta, pensar otra forma de entender la creación poética desde la frontera sur.

PALABRAS CLAVE: Despoética; Manoel de Barros; Crítica Biográfica Fronteriza.

INTRODUÇÃO

A prosa poética de Manoel de Barros se erige a partir de uma fronteira geográfica e epistemológica, isto é, uma fronteira que designa tanto o local geográfico em que Brasil, Paraguai e Bolívia se aproximam, quanto um local que "preserva uma cosmogonia de saberes, de sentires e de pensares, de sensibilidades biográficas" (NOLASCO, 2022, p. 38). Com isso em mente, é válido ressaltar que, segundo Mignolo (2020, p. 235), "as teorias itinerantes viajam do Norte para o Sul", e esse tráfego de ideias resulta em um processo que:

força a adaptação da teoria que chega, da direita ou da esquerda, e propõe civilização, modernização e desenvolvimento ou propõe resistência, revolução e transformação social radical.

Ou seja, os *saberes, sentires e pensares* (NOLASCO, 2021) que residem na fronteira-sul são frequentemente suplantados por teorias itinerantes vindas do Norte global. No entanto, pode-se argumentar ainda que essa cosmogonia de

saberes e sensibilidades não viajam e nesse sentido, por conseguinte, as palavras de Mignolo tornam-se pertinentes para nossa teorização:

Algumas vezes, entretanto, as teorias não viajam. Ficam em casa. E quando isso acontece, a diferença colonial as torna invisíveis para as teorias dominantes e universais que podem viajar e têm passaportes para atravessar a diferença colonial. (MIGNOLO, 2020, p. 236)

Sendo assim, é possível pensar o fazer poético do autor por meio de seu *biolócus* (*bios = vida + lócus = lugar*) (NOLASCO, 2015, p. 59), argumentando que — ao desconstruir postulados canônicos *a partir de* um lócus de enunciação *outro* e através da subversão da língua — Barros esboça o movimento de *desprender-se* (MIGNOLO, 2010), sobre o qual Walter Mignolo discorre em seu livro *Desobediencia Epistémica* (2010, p. 17, tradução livre minha³):

Além disso, desprender-se pressupõe caminhar em direção a uma geopolítica e a uma corpopolítica do conhecimento, que por um lado denuncia a pretensa universalidade de uma determinada etnia (biopolítica) localizada em uma região específica do planeta (geopolítica), ou seja, a Europa, onde o desenvolvimento do capitalismo foi consequência do colonialismo.

À luz disso, a escrita de Barros será tomada enquanto exemplar para a *desobediência epistêmica* (Mignolo, 2008), reforçada por Nolasco (2021), ao propor “desprender-se para (a)colher o sentido do verso fronteiriço buscado quando há desobediência do poeta” e ponto de partida para uma teorização ancorada no conceito de despoética (NOLASCO, 2021). A despoética de Nolasco permite articular uma maneira *outra* de se pensar a poesia *a partir da* (MIGNOLO, 2020) Fronteira-sul. Ainda na esteira de Mignolo (2010), a *opção descolonial* pode significar um “aprender a desaprender para re-aprender”, e, sob essa óptica, Nolasco (2021,) propõe a despoética como um *aprender a despoetizar para re-poetizar e, assim, driblar uma teoria e poética modernas que vêm de longe e querem a todo custo impor uma Norma*. Assim sendo, ao optar por “aprender a

³ Trecho original: Además, desprenderse presupone moverse hacia una geopolítica y una corpopolítica del conocimiento, que por una parte denuncia la pretendida universalidad de una etnicidad en particular (biopolítica) localizada en una región específica del planeta (geopolítica), esto es, Europa, donde el desarrollo del capitalismo ha sido consecuencia del colonialismo. (MIGNOLO, 2010, p. 17).

desaprender para re-aprender” é possível alcançar uma epistemologia que nos afaste de um “modo certo” de pensamento teórico poético excludente e limitante instituído pelos que habitam a *interioridade*. Tal teorização despoética faz-se importante na composição deste texto, pois, segundo Edgar Nolasco (2021, p. 58):

Nossa despoética é uma luta contínua lançada da fronteira-sul contra, digamos assim, o ‘racismo epistemológico’ (Mignolo) e por que não poético, que entende que na fronteira não se pensa, não se teoriza, não se faz poesia.

Sendo assim, mostra-se como um desprendimento dos conceitos cristalizados de produção poética, como a ideia moderna de métrica e rima, às quais Manoel de Barros não se subordina. A despoética advém, portanto, de uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008); pretendemos, portanto, explorar como o pensamento *outro* presente na obra de Manoel de Barros, que escrevia a partir da Fronteira-sul, o aproxima de um fazer despoético. A presente teorização se dá sob a égide da crítica biográfica fronteiriça, sendo esta:

Uma prática teórica que emerge do arrabalde da fronteira-sul por ser capaz de, a seu modo, barrar a crítica migrante dos centros, bem como seus respectivos conceitos erigidos no interior da aldeia global para representar, por meio de uma interpretação textual e estetizante, o que é da ordem da exterioridade, por mais que seja uma invenção daquele mundo interior. (NOLASCO, 2015, p. 62)

Portanto, enquanto pesquisadores fronteiriços, intentamos teorizar, sob a lente basilar da crítica biográfica fronteiriça, formas *outras* de pensar a obra do poeta do Pantanal. A fim de compor e ser parte dessa “barragem epistemológica” (NOLASCO, 201), ainda em formação, que desobedece aos postulados modernos, cristalizados na academia regida por aqueles que colonizaram não só a terra, o barro, mas o fazer poético.

Desprender-se para (a)colher: a despoética de Barros

A única língua que estudei com força foi a portuguesa.
Estudei-a com força para poder errá-la ao dente.
(BARROS, 2010, P. 381)

O poeta fronteiriço como aquele que teima, que desobedece diante de todas as normas cultas vigentes impostas pelas línguas e discursos itinerantes migrados dos grandes centros do país e do mundo.

(NOLASCO *apud* NOLASCO, 2022, p. 21)

Os versos retirados do poema “Línguas” — encontrado no livro *Ensaíos Fotográficos*, publicado por Manoel de Barros em 2000 — servem como epígrafe pois, assim como em outros momentos, Barros manifesta, através de sua prosa poética, o desejo de produzir versos que não se subordinam às regras das línguas imperiais. Pensamos as palavras do escritor como um manifesto que se aplica não só a sua produção poética, mas também a ele mesmo enquanto indivíduo que habitou na fronteira-sul — território ignorado pelos grandes centros nacionais e inexistentes perante os centros globais. Ousamos afirmar que a insubordinação de Manoel de Barros não se resume ao aspecto linguístico, mas, na verdade, essa “vocação para não saber de línguas cultas” (BARROS, 2010, p. 381) sobre a qual o poeta discorre é um sintoma de um caráter infrator que também se revela em suas escolhas temáticas, na construção de suas personagens e em sua forma de expressar-se como um todo.

O segundo excerto, uma das citações encontradas no livro *O Teorizador Vira-Lata* (2022), de Edgar Nolasco, apresenta-nos a ideia de um poeta fronteiriço, cujo fazer poético se alicerça na fronteira-sul e não se permite dominar pelas filosofias hegemônicas que a *interioridade* produz e faz questão de transformar em narrativas universais. Narrativas essas que para exercerem sua suposta universalidade precisam orquestrar um epistemicídio — termo cunhado por Boaventura de Souza Santos (2009) — no território dominado, para assim soterrar vivências e formas *outras* de perceber o mundo, forçando os indivíduos *exteriorizados* a aceitar a visão de mundo que lhes é imposta, ao passo que têm suas sensibilidades de mundo (MIGNOLO, 2017) suprimidas.

Ambos os trechos foram escolhidos para dar início a minha teorização por permitirem que se aborde diretamente a desobediência epistêmica, um dos pilares da teorização despoética. Edgar Nolasco (2021) descreve o poeta-fronteiriço como um poeta que escreve a partir das próprias sensibilidades biogeográficas, assume postura indisciplinada ao rechaçar o velho hábito de repetir as temáticas e as tendências que viajam desde a *interioridade* moderna

até o lócus exteriorizado e opta por dedicar sua obra a um ofício rebelde que consiste na tentativa de *desenhar a sua fronteira-sul no verso* (NOLASCO, 2021). Este é um conceito crucial para a construção de um novo modo de criar e estudar a poesia que emerge da fronteira-sul, uma forma *outra* que não está limitada ao paradigma moderno. Os versos de Manoel de Barros, como veremos no decorrer deste trabalho, têm relação íntima com o proposto por Nolasco. O que defendo aqui é que — ainda que Barros seja geograficamente fronteiriço, mas não descolonial — o fazer poético do autor aproxima-se do fazer despoético da fronteira e concede um vislumbre desse modo *outro* de fazer poesia.

Segundo Nolasco (2021, p. 42) para entender a despoética é “mais do que necessário abrir algumas palavras como desobediência epistêmica, desprendimento, entre outras”; é preciso, portanto, familiarizar-se com os dois conceitos propostos por Mignolo. Estas propostas estão interligadas e são fruto de um esforço dos corpos que foram subalternizados pela pretensa superioridade da modernidade e de seus entusiastas para impedir o avanço das teorias e visões de mundo que surgiram quando o *humanitas criou o anthropos no processo de construir a si mesmo* (MIGNOLO, 2017).

Tendo em mente que desprender-se envolve assumir conscientemente o compromisso de desaprender as lições da modernidade colonial e não parar aí, mas continuar esse processo ao re-aprender as subjetividades fronteiriças que foram silenciadas, como Walter Mignolo (2017, p. 19) postula ao dizer que:

desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita na fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar-se.

Mignolo (2010, p. 23, tradução livre minha⁴) ressalta ainda que “o *desprendimiento* pressupõe um pensamento fronteiriço ou uma epistemologia fronteiriça no sentido preciso de que a fundação ocidental da modernidade e do

⁴ *el desprendimiento* presupone un pensamiento fronterizo o una epistemología fronteriza en el sentido preciso de que la fundación occidental de la modernidad y del pensamiento es por un lado inevitable y por el otro limitada y peligrosa. (MIGNOLO, 2010, p. 23).

pensamento é, por um lado, inevitável e, por outro, limitada e perigosa”. Ou seja, o desprendimento só pode ser alcançado através de uma postura desobediente que é rascunhada desde o primeiro momento em que o indivíduo fronteiriço se propõe a fazer poesia na/da fronteira-sul e, portanto, responde afirmativamente ao questionamento de Nolasco (2021) “*podemos fazer poesia da fronteira-sul?*”, contradizendo a noção eurocêntrica de que as bordas não estão aptas a criar poesia.

Desobediência essa que se efetiva quando este decide repudiar as determinações advindas dos grandes centros do país e do mundo e assume um compromisso epistemológico de escrever não sobre o que lhe é imposto e da forma como lhe ordenam, mas sim “escrever o que quer, pouco importando que chamem a isso de verso, poema ou poesia, porque o que importa mesmo a ele é o direito da escolha” (NOLASCO, 2021).

Manoel de Barros escreve sua obra a partir de um lócus fronteiriço dotado de *latinidades* (NOLASCO, 2021), ou seja, “o amor pelo lugar entre línguas, entre corpos e viveres — latinidades é o amor pelo lugar onde o corpo do poeta se situa” (NOLASCO, 2021, p. 63) e por ser gente da fronteira “gasta parte da vida admirando, como se fosse uma oração, as paisagens crioulas do lugar” (NOLASCO, 2021, p. 61). Não para na contemplação; dedica sua obra à tentativa de exprimir as sensibilidades que são cultivadas por essas paisagens crioulas e os renegados que as habitam. Para Barros “poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)” (BARROS, 2010. P. 403), em outras palavras, essas sensibilidades que para a razão imperial representam “nadas”, são o cerne da escrita de Barros e para mim o cerne de minha teorização.

O relacionamento do poeta com a subalternidade não consiste apenas em percebê-las no mundo e replicá-las no papel, trata-se de um instinto que — embora seja muitas vezes silenciado pela modernidade — é comum aos que habitam na fronteira e resulta em um “olhar para o ser menor, para o insignificante, herdado de ancestralidades machucadas” (BARROS, 2010, p. 361)

como Barros descreve em um dos poemas em *Retrato do artista quando coisa* (1988). É esse instinto fronteiriço que leva Manoel de Barros a “esquecer os traços e as doutrinas que aprendeu nos livros” (Barros, 2010, p. 385).

Mato Grosso do Sul é ponto de partida para a escrita de Manoel de Barros, assim como é o local em que se aloca meu corpo e, portanto, de onde parte minha teorização. Tanto Barros quanto eu — enquanto pessoa que viveu por toda a vida nesse lócus fronteiriço — escrevemos *a partir das* sensibilidades biográficas aqui aprendidas, apesar da presença opressiva de teorias e conceitos que vêm de longe e que acabam por tamponar essas histórias locais. O lócus de enunciação não pode ser dissociado da produção intelectual; logo, tanto o poeta fronteiriço quanto o pesquisador fronteiriço “tratam da sua fronteira-sul, mesmo quando não falam dela” (NOLASCO, 2021, p. 38).

O que me difere de Barros é que ele — apesar de assumir uma postura de desobediência perante postulados canônicos — nunca chega a desprender-se desses ideais cristalizados pela crítica moderna, ao passo que me proponho a teorizar tendo como lente basilar o projeto descolonial, e o faço por ter optado conscientemente por desprender-me epistemicamente. Todavia, por mais que sua postura desobediente possa ser tomada como o ensaio para o movimento de desprender-se e delinear os contornos de uma despoética, Manoel de Barros nunca alcança, de fato, o ofício despoético. Na realidade, seu fazer poético limita-se a ecoar a práxis do poeta fronteiriço de “naturalizar mais do que humanizar as coisas e as palavras (dar modernidade)” (NOLASCO, 2021, p. 49).

REFERÊNCIAS

BARROS. Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediencia Epistémica**: Retórica de la modernidade, lógica de colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ed. Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Desafios Decoloniais Hoje. In: **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), PP. 12-32, 2017.

NOLASCO, Edgar César. Crítica Biográfica Fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Brasil\Paraguai\Bolívia. v. 7, n. 14. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2015.

NOLASCO, Edgar César. **El lado oscuro del corazón de la frontera**. Campinas: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar César. Paisagens ao sul: despolíticas, despoéticas e desobedientes. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Despoéticas, despolíticas, desobediências. v. 2, n. 24. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2020.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Crítica Biográfica Fronteiriça. v. 1, n. 25. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2021.

NOLASCO, Edgar César. **Ensaio da desobediência dos pássaros**. Campinas: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar César. **Gramática despoética da fronteira**. São Paulo: Pontes, 2021.

NOLASCO, Edgar César. **O teorizador vira-lata**. Campinas: Pontes, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.